

PECUÁRIA E VIDA PASTORIL: SUA EVOLUÇÃO EM DUAS REGIÕES BRASILEIRAS (*)

Maria Isaura Pereira de Queiroz

INTRODUÇÃO

Cana-de-açúcar, gado e a pequena agricultura de subsistência foram os três pilares da economia brasileira durante a época colonial (1). Fazendeiros instalaram engenhos de açúcar ao longo do litoral e estabeleceram a sociedade dos plantadores de cana — sociedade sedentária, estável, organizada, que se tornou o grande polo de desenvolvimento do país no seu início. Uma pequena agricultura de subsistência surgiu também muito cedo, pois tinha-se necessidade de comer para viver. A criação dos animais fez, ao mesmo tempo, sua aparição e tomou seu impulso; suscitada pela necessidade de funcionamento dos engenhos e das culturas de cana, na base de gado para o transporte e para tocar as máquinas (2).

Dois grandes zonas de criação tornaram-se historicamente importantes no Brasil (3): a primeira, a do Nordeste, formando a retaguarda da região açucareira, se prolongou pelo Sul ao longo do rio São Francisco e pelo Oeste; a segunda, no extremo Sul do país, formava parte da província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Duas zonas diferentes do ponto de vista geográfico e ecológico, cada uma com sua denominação própria: "Sertão", para o Nordeste, e "Pampa" brasileiro para a do Sul. É interessante comparar a organização de suas atividades econômicas e seu desenvolvimento no tempo.

A primeira é o "Sertão". Esta palavra, cujo sentido no Brasil não é uniforme, em geral e em seu significado mais amplo, opõe às cidades que formavam no pas-

(*) Uma primeira versão deste artigo foi publicada sob o título: "Petit lexique de la vie rurale brésilienne: l'élevage et la vie pastorale", in *Cahiers des Amériques Latines, Série Sciences de l'Homme*, n.º 5, 1970, pelo Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, Paris.

1) A cultura do café não foi importante comercialmente, a não ser depois da Independência do Brasil, quer dizer, após 1822.

(2) Antes da introdução de carros de boi no Brasil, a cana era levada ao moinho arrastada sobre grandes couros, aos quais eram atrelados os animais.

(3) Houve no passado outras zonas de criação no país: na Amazônia, em Mato Grosso, no sul de Minas Gerais; o Sertão e o Pampa ultrapassam-nas largamente em importância histórica.

sado uma faixa mais ou menos larga, seguindo o litoral brasileiro (4). No entanto, a palavra "Sertão", num sentido mais restrito, sempre se associou às zonas de criação do Nordeste, recobertas pela "caatinga" (5), composta de moitas espinhosas, de cactáceas, de arbustos, e estendeu-se também ao "cerrado" (6) das regiões centrais do país; caatinga e cerrados ocupam uma extensão de mais de um milhão de km². Não vem à idéia de chamar de "Sertão" os prados do Rio Grande do Sul; ali, para além da faixa de florestas e cidades do litoral, estende-se um campo ondulado, atapetado de gramíneas, duros e baixos — o Pampa. Associa-se sempre o "vaqueiro" (7) ao Sertão, como o "gaúcho" (8) ao Pampa.

À sociedade estável dos plantadores de cana, opôs-se no passado a sociedade muito mais móvel dos criadores, "Fazendeiro de gado", do Nordeste e "estancieiro" (9) do Pampa, estão ambos sempre a cavalo, percorrendo grandes extensões, em busca de um gado criado em liberdade. São ambos independentes e desconfiados; defendem ciumentamente sua autonomia, e manifestam uma suscetibilidade exacerbada com tudo o que pareça ferir sua honra. Sertão e Pampa foram férteis em revoluções. Movimentos messiânicos importantes marcaram a Sertão e existiram também neste prolongamento do Pampa que se chama a Zona Serrana, do atual Estado de Santa Catarina (10) — movimentos messiânicos que a sociedade estável dos monocultores de cana ou de café não conheceram. Mas somente estudando mais de perto os habitantes das duas regiões citadas se poderá compreender o que os aproxima e o que os separa.

O SERTÃO

O que torna original o desenvolvimento da criação nesta zona é seu caráter complementar, em relação a uma outra atividade econômica reputada mais importante e localizada em sua vizinhança.

O gado foi introduzido no Nordeste em 1535, pelo donatário Duarte Coelho que, tendo recebido do rei de Portugal uma capitania, tentou colonizá-la com sua família, seus parentes e sua clientela. Instalou-se em Pernambuco, na Zona da Mata, favorável à cultura de açúcar, faixa que se estende somente uns cinquenta quilômetros em direção ao interior do país. Em seguida a ela, a região chamada Agreste, muito diferente, sofria já a influência da zona da seca; o Agreste perma-

(4) Há uma trintena de anos, por exemplo, a região ao sul da cidade de São Paulo, era conhecida sob o nome de Sertão de Itapeverica e Sertão de Juquitiba; esta denominação dá a entender que esta zona era então quase desconhecida e inexplorada.

(5) Caatinga — termo indígena que significa "floresta branca" — designa a vegetação áspera, acinzentada, quase sem folhas, da região da seca.

(6) "Cerrado" nomeia regiões de vegetação arbustiva sob as quais nascem gramíneas, formando pastagens naturais.

(7) Vaqueiro designa no Nordeste aqueles que se encarregam do gado e que possuem certa autonomia e liberdade em seu trabalho.

(8) Gaúcho — em sentido amplo, os habitantes do Estado do Rio Grande do Sul; em sentido restrito, o boiadeiro dos Pampas.

(9) Fazendeiro de gado e estancieiro são os nomes comumente usados pelos criadores de gado no Nordeste e no Pampa.

(10) Ver Pereira de Queiroz, 1957, p. 35 a 116; 1965; 1968, b).

neceu, então, intermediário entre a floresta tropical da Zona da Mata e o sertão árido, sendo primeiramente dedicada à criação e à pequena agricultura; porém não tardou muito e a criação se expandiu pelo Sertão a dentro, penetrando, mais tarde, nas zonas do "cerrado".

O gado se desenvolveu através da proliferação dos rebanhos em liberdade, num rito de trans-humância. Durante o período do ano em que a cana-de-açúcar se desenvolvia, era mantido afastado das plantações para evitar os prejuízos que, certamente, ali ocasionaria, pois era impossível cercar as enormes áreas cultivadas. No entanto, quando a falta de chuvas se instalava no Agreste e os pastos naturais secavam, levava-se o gado para o litoral; a colheita da cana já tinha sido feita e os animais se nutriam das palhas e restolhos. A chegada das chuvas, no "Agreste" que coincidia com o início das plantações na Zona da Mata, o gado era levado de volta para o interior. Plantadores de cana e senhores de engenho foram, a princípio, criadores também. A palavra "fazenda" (11) era reservada às terras de criar, enquanto "engenho" designava a propriedade açucareira, e "sítio" as pequenas plantações de subsistência.

À medida que os estabelecimentos de criação avançavam para o interior do país, o regresso do gado para a zona costeira tornava-se mais difícil, dado o longo caminho a percorrer. Os animais eram levados, então, ou para os brejos — pantanais que pontuam a região seca formando como que óasis — ou para a parte alta das pequenas serras, onde encontravam campos sempre verdes (12). Quando a região dos cerrados foi, por sua vez, invadida pelos rebanhos, o mesmo problema dos meses de seca se apresentou aos criadores. Descobriu-se, então, que os altiplanos ali existentes, estendendo-se para oeste, eram também propícios à criação. Tomou-se o costume de levar os animais para os "gerais", áreas desertas dos altos espigões, habitados somente por algumas famílias de "mangabeiros", vivendo da colheita de "mangaba" (13), espécie de borracha.

Os animais ficaram tão acostumados à partida, que no momento certo partiam sozinhos, caso ninguém houvesse para dirigi-los. Vacas com seus bezerros, bois, touros, e "bravezas" (14) encaminhavam-se para os "brejos" ou subiam para os "gerais", guiados pelo tilintar do "chocalho" das "vacas pasteiras" (15), que iam à frente — conduzindo a marcha. Durante a longa estadia nos gerais ou nos brejos, os animais não recebiam trato nenhum e permaneciam sozinhos. O vaqueiro não ia para ali a não ser na chegada das chuvas, isto é, no momento em que o gado devia abandonar os locais; caso demorassem, arriscavam os animais a apanhar uma

(11) Fazenda é o termo empregado entre nós para as grandes empresas agrícolas e de criação de gado. No Nordeste, entretanto, "fazenda" designa, sobretudo as empresas de criar.

(12) A complementaridade existiu, também, entre a criação de gado, de um lado e a agricultura de brejo, do outro. O brejo era cultivado por um morador que recebia gratuitamente a terra e dispunha livremente da colheita; em contrapartida, o rebanho do proprietário ia se alimentar dos resíduos da plantação, após efetuada a colheita.

(13) Mangaba ou mangabeira — árvore de cerrado que produz latex.

(14) Braveza — touro selvagem.

(15) Vaca pasteira — vaca doméstica, habituada ao homem, que pasta perto da casa.

doença misteriosa, o "toque", da qual ignora-se ainda hoje a causa, e que dizimava o rebanho.

O estabelecimento de criação era fácil de ser organizado; comprova-se alguns animais para "formar os cascos", isto é, formar o rebanho, e procurava-se duas ou três pessoas para tomar conta dele. As despesas não eram grandes e este tipo de atividade tornou-se acessível a pessoas de posses medíocres. Filhos mais novos dos fazendeiros de cana, cuja ambição não se contentasse com um papel secundário na Zona da Mata; sitiantes que não quisessem trabalhar diretamente a terra; aventureiros que não se incomodassem em partir para longe no sertão e viver no isolamento até que seu rebanho estivesse formado, tentaram fortuna com o gado. Solicitavam à coroa portuguesa uma "sesmaria", medindo três léguas de comprimento por três de largura (20.000 hectares mais ou menos); a localização das concessões, era bastante vaga, estando o país por assim dizer desconhecido, mas isto não tinha grande importância, pois ninguém pensava em medir ou cercar tão vastas áreas.

Ao contrário do engenho e das plantações de cana que em geral eram abastecidos do exterior, pois não raro praticavam a monocultura de modo bastante rigoroso, a fazenda de criar se bastava a si mesma. As sesmarias tinham pantanais férteis, "brejos" reservados para as "roças", pequenas plantações de abastecimento, de modo a produzir quantidades suficientes de cereais para nutrir o pequeno mundo da fazenda. Cultivava-se também algodão, que servia para tecer vestimentas grosseiras. Esta independência das fazendas de criar foi sempre celebrada com orgulho pelos criadores.

O criador, era às vezes absentéista, sobretudo se era ao mesmo tempo senhor de engenho ou lavrador de cana; morava, então, em sua propriedade do litoral e vinha raramente à fazenda de gado. Se não era lavrador, podia morar nas capitais das províncias, quando sua fortuna o permitia. A grande maioria dos criadores, porém, não tinha grande disponibilidade financeira, e por isso moravam na propriedade, repartindo seu tempo entre a fazenda e a cidade mais próxima, onde possuíam também moradias. Fosse ele rico ou pobre, a habitação do fazendeiro era sempre modesta e apresentava um contraste chocante com as luxuosas casas dos senhores de engenho, localizadas no litoral. Era, em geral, de "taipa", argila misturada com um pouco de água e esterco bovino para melhor resistir à chuva e ao sol; o telhado com telhas a distinguiu das casas dos vaqueiros, cobertas de palha. No interior quase nenhum móvel: redes, baú, mesa, alguns bancos e tamboretas, era tudo o que precisava para viver. Na casa dos vaqueiros e seus ajudantes, às vezes nem redes havia; dormia-se sobre peles jogadas no chão ou sobre esteiras grosseiras.

Foi esta a austera "civilização do couro", tão bem descrita pelo historiador Capistrano de Abreu; de couro era a porta das cabanas; de couro, a coberta rude sobre a qual se dormia; de couro o girão no qual a mulher dava à luz; de couro as cordas, o odre para água, o embornal para a comida, o saco para guardar as vestimentas, o equipamento do cavalo, as rédeas para segurar a montaria nas via-

gens, as bainhas dos punhais, o traje para se penetrar na mata (16). Civilização do couro e também civilização do boi. Os cantores nômades cantavam os feitos deste, mais ainda do que dos boiadeiros, diz Roger Bastide. O vaqueiro sentia carinho por seu animal, mas amava, admirava e respeitava o touro selvagem, a "braveza"; tão "independentes um quanto o outro, eram nômades, eram corredores dos espaços vazios e igualmente batalhadores" (17).

Na metade do século XVII, fazendas de criação existiam no curso médio do Rio São Francisco, no Piauí, e até no alto Rio Grande, na Província de Minas Gerais. No século XVIII, a imensa região interior estava já ocupada pela criação; o gado, atravessando o São Francisco, encaminhava-se lentamente em direção a Goiás e Mato Grosso. Era a consequência do sistema de criação extensiva; mais o gado aumentava, mais se tinha necessidade de novas pastagens. Todavia, o desenvolvimento demográfico da região foi, também, fator importante na abertura de novos estabelecimentos. As famílias eram numerosas; o criador queria deixar um rebanho bem constituído a cada um de seus filhos, pois a terra não tinha quase nenhum valor. Os rebanhos somente podiam aumentar penetrando-se mais adiante, para o interior do país, onde se localizavam novas pastagens. O Sertão foi, pois, sempre uma região de êxodo ou de emigração mais ou menos intensa na direção do interior do país.

A criação foi também um dos meios de ascensão sócio-econômica da região; recentemente é que perdeu esta qualidade. Os vaqueiros brancos, mulatos, negros, mestiços de índios, a cor não constituía obstáculo — acalentavam a esperança de tornarem-se, por sua vez, criadores. O vaqueiro era um assalariado; recebia em pagamento um quarto do aumento do rebanho, sistema esse chamado "partilha ou quartiação". Tirava-se à sorte os bezerros, tanto com dados como por meio de papezinhos nos quais estava escrito o nome da vaca-mãe. Em seguida os bezerros; quatro recebiam a marca do criador e o quinto, a marca do vaqueiro. Este contrato oral e tradicional era rigorosamente respeitado por ambas as partes.

Os animais do vaqueiro eram criados juntamente com os do patrão; teoricamente era-lhe possível tornar-se criador, já que, depois de certo tempo, possuía também um rebanho. Podia partir então em direção ao Oeste, para as terras desconhecidas, e se instalar por conta própria; ou então, podia pedir terras emprestadas ao fazendeiro, ou alugá-las, até que tivesse acumulado o suficiente para comprá-las. Porém, cada vez que o preço dos animais subia, o fazendeiro fazia recair em seu proveito este sistema de pagamento, exigindo que lhe fossem vendidos os animais que o vaqueiro tinha recebido. Este não podia recusar; dependia estreitamente do patrão, numa região em que os empregos eram raros. O futuro do vaqueiro estava ligado à elevação dos preços da carne e dos couros; menos estes se elevavam, e mais tinha possibilidades de conservar o seu rebanho, de tornar-se criador, ou de vender seu gado a quem quisesse.

Havia dois tipos de criadores no Sertão: de um lado, o grande fazendeiro de gado, cujas terras formavam verdadeiras províncias; de outro, os médios e pequenos

(17) Roger Bastide, 1959, p. 84 e segs.

criadores, residindo em suas terras e, em geral, partilhando os trabalhos de seus vaqueiros quase em pé de igualdade. O vaqueiro, por sua vez, era frequentemente alguém da família do criador: filho, primo, sobrinho, afilhado (18). Neste caso, o fazendeiro o ajudava, mais tarde, a estabelecer-se por conta própria. Mas, grandes, médios e pequenos criadores, todos organizavam de modo praticamente igual o trabalho em sua fazenda.

Organização sumária. Havia na fazenda, além do vaqueiro, os "alugados" ou "fábricas" cujo pagamento era misto: recebiam uma pequena quantia em dinheiro, e também alimentação e uma casa de barro ou de palha, onde moravam com a família; ajudavam o vaqueiro nos seus trabalhos. "Moradores" havia, espalhados pela propriedade, instalados perto dos brejos e encarregados da agricultura de abastecimento, assim como de algumas plantações de algodão. O "morador" tinha direito a toda a colheita e, terminada esta, o campo se tornava pastagem para o gado até nova sementeira; esse tipo de contrato era bastante freqüente; mas podia também ser um meeiro, que pagava o aluguel da terra repartindo a colheita com o proprietário.

O fazendeiro rico possuía muitos rebanhos e diversas fazendas; dava-se, então, ao luxo de multiplicar os empregados, repartindo as tarefas. Três ou quatro "vaqueiros" comandavam vários "campeiros" (19) e cuidavam dos vários rebanhos. As fazendas tinham seus "tangerinos", especializados em conduzir o gado para as feiras, para os matadouros da cidade, para as propriedades do litoral; tinham um ou dois "carreiros" ou condutores de carros de boi; um ou dois "tiradores de leite", especialmente encarregados dos cuidados cotidianos dispensados aos bezerros e às vacas leiteiras; e também "benzedores" que conheciam as doenças e sabiam curá-las. Toda fazenda importante abrigava também "moradores", a "agregados", afilhados e parentes pobres do proprietário.

Nas fazendas mais modestas, um "vaqueiro" tomava conta de tudo, ajudado por dois ou três "fábricas". O fazendeiro se encarregava, ele mesmo, de levar o rebanho às feiras e matadouros da cidade — era então, ao mesmo tempo, "tropicador" — e se fazia ajudar somente por alguns "tangerinos", especialmente alugados para a ocasião. As tarefas da "vaqueirice" (20) não eram árduas. Bezerros e potros, fechados no "curral" (21) até a idade de três meses, recebiam cuidados diários, confiados a um "fábrica" ou a um "tirador de leite". Depois, os animais eram deixados em liberdade durante o dia para pastar com o gado adulto, mas verificava-se toda noite se nenhum faltava, se todos estavam na "malhada", — lugar costumeiro onde o gado se reunia espontaneamente ao entardecer. Este sistema impedia os animais novos de se tornarem completamente selvagens. Além desta

(18) Os encargos do padrinho são muito importantes. O padrinho é responsável por seu afilhado e deve ajudá-lo em sua carreira. O afilhado, por sua vez, deve ajudar o padrinho se este for pobre ou inválido, ou se este necessitar de um "braço", quer seja para o trabalho, quer para uma luta.

(19) Campeiros — indivíduos que sabem como capturar o gado selvagem solto no campo.

(20) Vaqueirice — lida com o gado.

(21) Curral — cercado em que o gado fica encerrado.

tarefa; o vaqueiro e seus "fábricas" cuidavam das vacas leiteiras, percorriam os campos a cavalo para verificar se os animais não tinham ido longe demais, tratavam daqueles que estavam doentes ou feridos pelos espinhos, conservavam as cercas das pequenas plantações de subsistência. Não se tinha nem mesmo necessidade de dar sal de tempo em tempo ao rebanho; este alimento indispensável era fornecido pelos depósitos naturais encontrados em pleno campo — os "lambedouros" — em direção aos quais precisava-se somente encaminhar os animais.

As tarefas tornavam-se importantes na época da "vaquejada", momento de festa e de grande trabalho para as fazendas de criar. Convidava-se para isto, os fazendeiros, vaqueiros e "fábricas" dos arredores. Partia-se para a "caatinga" ou para o "cerrado", a reunir os animais dispersos e trazê-los para os "currais", "mangas" ou "mangueirões", terrenos largos e planos, cercados. Lá tinha lugar a repartição, cada fazendeiro e vaqueiro reconhecendo o seu graças às marcas. As marcas eram um patrimônio de família, e um bom vaqueiro devia conhecer todas as da vizinhança. Reunidos os animais no "mangueirão", eram separados conforme as marcas. Os animais estranhos — isto é, aqueles cuja marca era desconhecida — eram guardados com o rebanho até que se identificasse seu proprietário. Se se tratasse de uma vaca e ela desse cria, o bezerro recebia a marca de sua mãe e com ela era entregue ao proprietário, quando encontrado.

Uma vez separados, a "ferra" começava: marcava-se com ferro em brasa os bezerros de mais de seis meses que recebiam, assim, o sinal do dono. A "ferra" era tanto mais difícil quanto os animais se revelavam mais selvagens. Não raro os touros, criados em liberdade, ficavam desconfiados e ariscos — tornavam-se "bravezas". Fugiam dos homens, sua captura era difícil. Construía-se então um pequeno curral dissimulado na mata, no qual a "braveza" penetrava sem se dar conta e de onde não conseguia mais sair; uma vez dentro, ficava entregue ao "laço" (22) ou à "peia" (23) e o vaqueiro o dominava facilmente. Às vezes o "braveza" era tão arisco que se deixava morrer ao se sentir capturado: "morreu de enfezado", dizia o vaqueiro. A literatura oral do Sertão é cheia de narrativas e versos em que "bravezas" enganam os vaqueiros, escapam das ciladas e conservam sua independência: façanhas de touros legendários, tornados símbolo de liberdade e de vida aventureira.

Depois da "ferra", passava-se à domesticação dos animais; procurava-se, então, especialistas, os "amansadores", uns especializados no adestramento dos bois para a lavoura, para o transporte, para o engenho; outros amansando os cavalos, as mulas, ou os burricos do Sertão, os "jegues". Os amansadores de animais gozavam de grande prestígio. Orgulhosos de sua independência, não se ligavam a nenhum fazendeiro em particular, mas iam de uma fazenda a outra quando eram chamados — meio nômades. O pagamento os atraía pouco; mas desde que soubessem onde achar os animais selvagens e mais caprichosos, chegavam e ofereciam seus serviços, desejosos de lutar contra o mesmo diante de um público de entendidos. Eram

(22) Laço — correia longa e esareita de couro terminada por um nó corrediço, utilizado para a captura de animais.

(23) Peia — correia que se joga nas pernas do animal para imobilizá-lo.

personagens indispensáveis nas “vaquejadas”, ficavam famosos em todas as redondezas.

A fazenda não era o único centro habitado do Sertão; havia povoados perto das fontes ou nos “brejos” mais importantes, chamados “ruas” (24). A “rua” era um conjunto pequeno de casas pobres, em volta de uma praça e de uma capela. Artesãos de atividades ligadas à criação a habitavam: curtidores de peles, de técnicas rudimentares, cujos serviços eram muito apreciados pois os couros constituíam uma mercadoria importante; sapateiros, fabricando sandálias e botinas; seleiros hábeis. Encontrava-se ali também um “benzedor” que conhecia orações apropriadas e sabia curar as doenças do rebanho por meio de práticas mágicas e ervas; este morava muitas vezes afastado e solidário, o que aumentava o seu prestígio. “Carreiros”, “tangerinos”, “ferradores” podiam também habitar as “ruas” e oferecer seus serviços temporariamente aos fazendeiros. O “barreiro” podia ser proprietário do seu carro de boi, que conduzia com a ajuda de uma criança, o “candieiro” ou “guieiro”, andando à frente dos animais. Os “tangerinos” formavam, muitas vezes, um povoado com suas famílias; ajudavam fazendeiros e vaqueiros a levar o gado ao seu destino, percorrendo as estradas a pé atrás dos animais, que guiavam com seus berrantes (25), fazendo paradas nos pousos (26).

Todo este pequeno mundo das “ruas” plantava também “roças” com a ajuda das mulheres e das crianças, cujo trabalho principal era justamente a cultura de subsistência e a criação de “miunças”, isto é, galinhas, cabras, porcos; o termo “miunça” revelava certo desprezo por este tipo de criação. Se o artesão fosse bem sucedido na sua profissão, se a mulher fosse trabalhadeira e econômica, podiam também comprar um bezerro que criavam atado a uma corda, perto de sua casa — “criação na corda” — cuja venda, mais tarde, os ajudaria a melhorar o passadio. Era raro que se criassem assim vacas, para transformá-las em vacas leiteiras. A utilização do leite e de seus derivados parece ter sido relativamente pouco importante no Sertão; cabras forneciam leite para as crianças e a cozinha. Fazia-se somente uma qualidade de queijo — o “queijo de coalho”, de fabricação rudimentar; algumas mulheres tornavam-se hábeis queijeiras. Era raro que um fazendeiro se interessasse pela produção de leite; a criação, para ele, era em função do comércio, não era um meio de se chegar à indústria de produtos leiteiros.

Também era importante nas fazendas e nas “ruas”: o tropeiro, proprietário de uma tropa de mulas, que transportava as mercadorias do litoral para o interior do país e vice-versa. O tropeiro era chamado também almocreve. Pequenos e médios criadores muitas vezes eram ao mesmo tempo, almocreves, e mais tarde podiam tornar-se comerciantes. A posse de um rebanho de mulas tornava-se então o instrumento de uma possível ascensão social. Os tropeiros freqüentavam as feiras

(24) Rua — os povoados do Sertão se compõem, em geral, de uma única rua, e assim são denominados.

(25) Peia — correia que se joga nas pernas do animal para imobilizá-lo.

(26) Pousos — lugar escolhido por tropeiros para passar a noite. Muitos pousos se tornaram, pouco a pouco, povoados, depois vilas, principalmente quando a estrada junto à qual se encontravam era bastante freqüentada.

dos povoados e das vilas, mas iam, também, de fazenda em fazenda; não transportavam somente mercadorias, mas também notícias.

Tropeiros, tangerinos, carreiros, amansadores, estavam sempre percorrendo as estradas; as mulheres e os filhos tomavam conta das roças, desde que possuíssem um pedaço de terra, o que não era raro. Por outro lado, sendo independentes, a distância social entre eles e os fazendeiros (exceto os grandes criadores) não era tão marcante. De mais a mais, muitas vezes os laços de parentesco os uniam. A sociedade do Sertão parecia formada por uma imensa rede de parentes, no interior da qual se distinguiam relações ora de aproximação, ora de inimizade. No entanto, era difícil distinguir nitidamente camadas sócio-econômicas diversas. Nada mais interessante do que percorrer as feiras, ponto importante de reunião de toda uma vizinhança e que atraíam até pessoas de lugares distantes: a massa humana empenhada nas vendas e compras mais diversas não parecia heterogênea, embora nelas se acotovelassem fazendeiros, artesãos, vaqueiros, moradores.

As feiras de gado eram maiores e mais importantes; a de maior renome estava localizada na Bahia (27). Pequenos e médios criadores acotovelavam grandes fazendeiros, porém era fácil distingui-los. Fazendeiros maiores ou menores, tropeiros, amansadores, gostavam de exibir arreios incrustados de prata, estribos e esporas lavrados; seu animal era cuidadosamente escolhido. Os grandes criadores, porém, se destacavam do vulgo porque estavam sempre cercados por um grupo de parentes, de vaqueiros e de outros "clientes".

Este tipo de vida, do qual acabamos de esboçar os traços mais marcantes, subsistiu durante longo tempo na zona de criação do Nordeste. Sua primeira transformação foi trazida pela difusão do hábito de cercar propriedades, no fim do século XIX. O crescimento demográfico, o desenvolvimento sócio-econômico foram elevando o preço da terra, compelindo os proprietários a marcar decididamente os limites de suas "fazendas". Os recursos de muitos criadores de gado foram despendidos na compra onerosa de arame farpado importado, que aqui não era produzido; enorme quantidade se destinava a cercar as antigas "sesmarias". Novos criadores tomaram então o lugar dos antigos proprietários arruinados. Na verdade, a passagem da propriedade não-cercada para a propriedade cercada, não foi seguida imediatamente por outras modificações, a não ser a diminuição de mão-de-obra: menos "vaqueiros", menos "fábricas" se tornaram necessários numa grande propriedade, no momento em que a vigilância do gado podia se tornar menos rigorosa graças à existência da cerca.

Somente em nossos dias é que outras transformações tiveram lugar, especialmente com o abandono da transmissão dos rebanhos da planície para as serras. O preço da terra subindo cada vez mais, levou aqueles criadores que alugavam propriedades de brejos ou de serras para pasto de seus rebanhos, a abandonar tal costume. Os pequenos e médios criadores que tinham pouca terra foram obrigados a experimentar a criação intensiva, ou a abandonar a criação pela agricultura, ou

(27) Esta feira deu nome a uma cidade: Feira de Santana.

finalmente a vender suas propriedades. Esta última solução foi a mais frequente: isto porque a criação intensiva exigia um capital que não possuíam; e nas terras da caatinga ou do cerrado, a agricultura foi sempre pouco rendosa. Os grandes fazendeiros, com mais disponibilidades financeiras, compraram as terras dos pequenos e médios proprietários e puderam continuar a praticar a criação extensiva.

Mais perto do litoral, no entanto, a criação intensiva fez sua aparição; foram construídos estábulos, o "gado-sujeito" superou o "gado livre" (28). A inflação diminuiu o valor do dinheiro e aumentou o dos animais; não convinha mais aos criadores manter os contratos tradicionais com seus vaqueiros que foram se tornando, cada vez mais, assalariados comuns. O nível de vida destes últimos baixou, perderam a esperança de se tornarem um dia criadores independentes. Entre fazendeiros e vaqueiros instalou-se um clima de tensão outrora inexistente: os vaqueiros começaram a compreender que seus interesses não coincidiam com os do patrão.

Por outro lado, o tipo de vida tradicional do Sertão foi se desorganizando devido ao desenvolvimento geral do país, que no Nordeste se exprimiu pela abertura das estradas e pela expansão do transporte por caminhões. Tangerinos, carreiros, queijeiras, benzedores vão desaparecendo pouco a pouco da paisagem humana. Simples assalariados diaristas é o que passam a ser. O rebanho não se desloca mais a pé pelos caminhos, mas é transportado por caminhões e estradas de ferro; o caminhão toma o lugar do carro de boi; os queijos fabricados em série no Sul são exportados para o Nordeste e substituem os queijos locais. As pastagens naturais vêm acrescentar-se e mesmo substituir-se as pastagens artificiais. Além disso, cultiva-se a "palma", cacto sem espinho e muito aquoso que os animais ingerem quando sobrevem a seca.

No entanto, essas mudanças que já são realidade em certas zonas do Sertão, se fazem sentir cada vez menos, à medida que se encaminha para as zonas mais longínquas da caatinga e do cerrado. Lá encontra-se ainda o sistema tradicional de criação, base de um tipo de vida ainda impregnado de traços folclóricos. A medida que o sistema de criação se torna intensivo, impõe-se um novo gênero de vida, muito diferente do antigo. Mas no Sertão, um início de criação intensiva coexiste ainda hoje com a criação tradicional e o único elo que as une é devido às condições climáticas: que ela seja intensiva ou extensiva, a criação se faz numa zona de secas periódicas, cujos estragos podem ser terríveis (29). O homem conseguirá um dia dominar esse flagelo?

Foi surpreendente a persistência do tipo de vida tradicional nas propriedades de criar desta região; organizado no momento da colonização, permanece, ainda hoje, quase com as mesmas práticas em várias zonas do Sertão e das Gerais. Constituiu também sempre o modelo para a implantação da criação nas zonas pioneiras do Brasil; a maior parte dos criadores que em passado recente tentaram fortuna em zonas afastadas de Mato Grosso, Goiás e Amazonas, organizaram suas empresas

(28) "Gado sujeito", gado estabulado, opõe-se ao gado criado livremente.

(29) Para uma descrição colorida e viva das secas, ver Bastide, Roger, 1957; Cunha, Euclides da, 1936.

de modo mais ou menos semelhante àquele de seus avós e bisavós do Sertão. Parece que a imensidão do espaço nos campos brasileiros tem condicionado, com pequenas variantes, um tipo de vida e de atividade pastoril que não tenderá a desaparecer totalmente a não ser quando o espaço for vencido e domesticado.

O PAMPA

Enquanto no Sertão o criatório foi sempre complemento da agricultura de cana-de-açúcar, no Pampa, ao contrário, constituiu a única riqueza da região e teve por complemento apenas uma agricultura de abastecimento. A margem esquerda do Rio da Prata, onde se estendem os Pampas brasileiros e uruguaios, foi longo tempo objeto de disputa entre Portugal e Espanha — Portugal procurando estender até o Rio da Prata os limites meridionais da sua colônia americana, enquanto a Espanha pretendia fixá-los bem mais ao Norte. O extremo sul do Brasil foi povoado, pois, no meio de conflitos que constituíam também, um fator de desenvolvimento: era necessário ocupar o território para terminar de uma vez por todas com as questões de limites.

A paisagem do Pampa é formada por ondulações suaves, recobertas de gramíneas abundantes; estendem-se em direção ao Oeste e ao Sul, depois da barreira das florestas do litoral e além dos últimos contrafortes montanhosos da Serra do Mar. Sua conformação convinha perfeitamente à criação. O gado, introduzido pelos jesuítas nos primeiros tempos das missões, se multiplicava em liberdade; touros e vacas, cavalos e éguas, não recebendo trato algum, voltavam ao estado selvagem.

A ocupação do território se fez no início do século XVIII. A mineração de ouro e diamantes em Minas Gerais estava então em pleno desenvolvimento, tornando indispensáveis os animais para seu transporte em direção à costa — e também, e sobretudo, dos mantimentos para a região das minas. Pois ali não se plantava nada, a preocupação única e absorvente era procurar pepitas na água das fontes e dos rios, nas areias ou na argila das colinas. Tropeiros paulistas (30) faziam, então, verdadeiras expedições de captura no Sul do país, em busca de cavalos, de éguas, de mulas, que traziam para a célebre feira de Sorocaba (31). Eram vendidos e, em seguida, encaminhados para as minas ou para as grandes plantações de abastecimento que se estendiam entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro.

Os paulistas desciam do Norte para o Pampa. Porém do Sul vinham também grupos de aventureiros em procura do gado selvagem. Caçava-se os animais, poupando-se somente os bezerros cujo couro quase não tinha valor; o couro dos grandes touros, ao contrário se vendia muito bem. Esta caça aos bois chamava-se "faina";

(30) A expansão dos paulistas para o sul do país foi feita constante e lentamente durante os séculos de colonização.

(31) A cidade de Sorocaba, no sul do estado de São Paulo, celebrou-se pela sua feira de gado.

ela era dirigida pelos "faineiros" auxiliados por caboclos (32) e índios mansos (33) — trinta a quarenta pessoas ao todo. O objetivo era, como já se disse, o couro, cuja exportação sempre fora extremamente rendosa. Utilizava-se também um pouco a gordura; os restos dos animais eram abandonados no campo, para serem devorados pelos "carranchos" e pelos cachorros "cimarrones", cães que vagabundeando no Pampa tornavam-se também meio selvagens. A riqueza em rebanhos parecia inesgotável; via-se mesmo bandos de caçadores matar tantos animais quantas pessoas houvesse no grupo, a fim de fazer churrasco, cada um escolhendo a parte preferida e abandonando o restante.

A carne fresca, simplesmente grelhada num espeto de madeira — o "churrasco" — tornou-se o prato predileto do brasileiro do Sul (34). Nas matas, um arbusto era muito procurado — o mate — cujas folhas queimadas forneciam um chá amargo; os habitantes do Pampa o bebiam sem açúcar, despejado fervente dentro de cuias e sugado com a ajuda de um canudo: o "chimarrão". "Churrasco" e "chimarrão" tornaram-se características da alimentação dos gaúchos.

Os primeiros estabelecimentos da região datam de 1715, na zona do Viamão. Foram as "estâncias", fundadas por paulistas. Querendo domesticar os cavalos e mulas que expediam para o Norte, alguns se estabeleceram de modo permanente em lugares propícios a esta atividade. O "estancieiro" associou-se ao "gaúcho". Este último saía pelos pastos a capturar os animais que o "estancieiro" tratava e domesticava, antes de enviá-los para a feira de Sorocaba. Foi a primeira forma de atividade sedentária no Pampa: na verdade, mais uma empresa de amansar animais do que de criação propriamente dita, e com dois séculos de atraso sobre o início da criação no Nordeste. Esta forma de estância coexistiu com a "faena". Iniciava-se, em geral, com o pedido de uma "sesmaria" à coroa portuguesa; ao obtê-la, o proprietário tornava-se, também, o dono de todo o gado que encontrava na sua concessão.

Muito cedo, os paulistas, os portugueses e os espanhóis perceberam a excelente qualidade dos campos da região e distinguiram suas variedades: os "campos finos", com gramados tenros, com fontes abundantes. Os "campos dobrados", fechados por colinas baixas, arredondadas, separadas por pequenos vales úmidos, eram os melhores para o gado. Os "campos grossos", com ondulações exageradas, vales recortados; os "campos frouxos" ou "fracos", cuja terra arenosa fazia crescer relvas duras e pouco abundantes, eram de má qualidade. Entre as duas variedades, os "campos médios", reuniam, ao mesmo tempo, as características do melhor e do pior.

Os inícios da "estância", em 1715, coincidiram com um interesse crescente de Portugal pela afirmação de seus direitos sobre a margem esquerda do Rio do Prata.

(32) São assim chamados os mestiços de branco e índio, muito numerosos no sul do país.

(33) Índios mansos — literalmente índios "domesticados". Eram os índios que viviam junto aos brancos e que os ajudavam em diversos serviços, mas conservando parcialmente seu gênero de vida.

(34) O consumo do churrasco e do mate se estendeu por todo o país; de regional tornou-se nacional.

A coroa portuguesa estimulou por todos os seus meios a ocupação do solo e procurou ligar solidamente o Pampa brasileiro ao resto do país; é assim que a abertura de uma estrada ligando São Paulo ao extremo sul, iniciativa dos paulistas, encontrou seu apoio. Os pedidos de "sesmarias" se multiplicaram e receberam respostas favoráveis; por volta de 1734, contava-se vinte e sete grandes "estâncias" entre Tramandaí e Rio Grande. Algumas eram estabelecimentos onde se preparavam as tropas de cavalos e mulas que eram expedidas em seguida para o Norte; outras continuavam, de forma estável, a exploração do couro. Nos dois casos, o "estancieiro" sedentário se fazia ajudar por "gaúchos" livres, especializados na caça aos animais, vivendo em estado selvagem.

De 1749 a 1757, o governo português incitou a emigração de gente dos Açores, arquipélago superpovoado, em direção ao Sul do Brasil. A intenção do governo era desenvolver uma agricultura de abastecimento com os novos colonos. Certa quantidade de imigrantes desembarcou na ilha de Santa Catarina, fundando a vila do Desterro, hoje Florianópolis; outros se estabeleceram no litoral leste da futura província de São Pedro do Rio Grande do Sul. O Pampa sulino parecia verdadeiramente consagrado à criação; o governo português pensara então em desenvolver em região vizinha a agricultura, que encontraria saída para seus produtos entre os criadores. No entanto, os colonos dos Açores, passando a viver num meio em que a agricultura era considerada como atividade menor e sem importância, e no qual o criatório tinha recebido, por assim dizer, "foros de nobreza", tão cedo quanto puderam, abandonaram a agricultura por esta atividade (35).

Assim, o século XVIII inteiro foi marcado por um desenvolvimento importante da região; mas esta expansão se deu num ambiente de conflitos permanentes. Do início do século XVIII até mais ou menos 1777, as lutas locais entre portugueses e espanhóis foram constantes, violentas, e seu resultado favoreceu ora um, ora outro dos adversários. Estâncias foram destruídas, famílias assassinadas, o gado abandonado retornava ao estado selvagem. Entretanto, estas condições aparentemente tão opostas à implantação de atividades econômicas que pareciam ligadas à paz, não conseguiu desviar os estancieiros de suas atividades. Em 1737 e 1742, dois portos foram instalados no extremo sul, Rio Grande e Porto dos Casais (mais tarde rebatizado Porto Alegre). Os mercados importantes do Rio de Janeiro e das outras cidades costeiras do Norte do país tornaram-se, assim, acessíveis aos produtos do Pampa. O "gado em pé", isto é, bois e cavalos que eram vendidos vivos, seguiam a estrada das boiadas e iam para São Paulo, pelo interior da província do Rio Grande, o couro era exportado pelos postos de mar para o Rio de Janeiro e o Nordeste (36). No fim do século XVIII, quinhentas e trinta e seis estâncias funcionavam na província de São Pedro, repartidas entre a criação e a

(35) Os açorianos não recebiam sesmarias, mas "datas", que tinham aproximadamente 272 ha; não tinham necessidade de grandes extensões de terra uma vez que se destinavam à agricultura. Os que se estabeleceram no Estado de Santa Catarina, permaneceram agricultores, enquanto os do Rio Grande do Sul passaram a criadores.

(36) O Nordeste era grande consumidor de couros, pois o açúcar para a exportação era embalado em "surrões", que são sacos de couro.

exploração dos couros. A paz entre Portugal e Espanha, efetivada em 1777, permitiu uma expansão ainda mais rápida desses estabelecimentos.

Em fins do século XVIII, o “charque” faz sua aparição no Rio Grande do Sul, constituindo outro fator de intensificação do desenvolvimento da região. Já se conhecia no Brasil a carne salgada que se fazia secar ao sol e ao ar para que não se deteriorasse. “Carne de sol” e “carne de vento”, os dois nomes correspondendo à mesma realidade, foram um produto muito cedo exportado pela província do Ceará, situada em pleno Sertão. Mas, durante o século XVIII, secas desastrosas (a de 1777-1779 sobretudo) mataram o gado e arruinaram os criadores; o Ceará não podia mais corresponder à procura. Os habitantes do Pampa, região em pleno desenvolvimento, tomaram a dianteira, aperfeiçoaram a preparação da carne e instalaram verdadeiras indústrias para sua transformação. Na província do Ceará, ao contrário, a fabricação do “charque” conservou a forma artesanal e não pôde sustentar a concorrência de sua rival do Sul.

A carne para o charque, no Pampa, era recortada em grandes bandas ou “mantas”, que se pendurava em ganchos; ficava suspensa ao ar durante certo tempo para que “resfriasse”. Eram, então, as “mantas” jogadas em recipientes cheios de salmoura, onde permaneciam. Retiradas e revestidas de sal muito fino, eram empilhadas umas sobre as outras — uma camada de carne, uma camada de sal, — de modo a formar pilhas de dois ou três metros de altura. A carne ficava empilhada durante doze horas, depois passava em novo banho de salmoura; em seguida era empilhada novamente. Retirada das pilhas e exposta ao sol e ao ar, sobre esteiras de madeira, era revirada de seis em seis horas; a tarefa durava vários dias, até a carne adquirir o grau de salga suficiente, revelado por sua cor enegrecida.

As primeiras indústrias de “charque” (37), as “charqueadas” surgiram por volta de 1780. Em 1793, a província de São Pedro exportou treze mil arrobas (38) de charque para o resto do país e seiscentos mil em 1803 — desenvolvimento inacreditavelmente rápido dessas indústrias que davam trabalho à mão-de-obra excedentária, que existia, então na província. As “charqueadas” se localizavam na vizinhança do porto do Rio Grande, por onde se escoavam as mercadorias, — localização ideal. Sua conseqüência foi o desenvolvimento da cidade mais importante e mais prestigiosa de toda a província, durante o século XIX e o início do XX — a cidade de Pelotas, sua vizinha. A exportação dos couros tornou-se cada vez mais secundária em relação à exportação do “charques”.

Os dois tipos de mercado que comandavam a produção da futura província do Rio Grande do Sul — o mercado do “gado em pé” e o mercado do “charque” — determinaram nesse período uma certa distribuição especial das “estâncias”. Aquelas que vendiam os animais para as charqueadas — estavam localizadas mais

(37) Escreve-se indiferentemente charque ou xarque, crarqueada ou xarqueada.

(38) Arroba — medida antiga equivalente a 15 quilos.

(39) Não quer dizer que a população do Pampa não emigrasse; mas a migração ficou muito tempo limitada ao próprio estado e favoreceu o povoamento interno. No século XIX, no entanto, os gaúchos começaram a se estabelecer no interior do Estado de Santa Catarina, pequena emigração que se intensifica durante o século XX.

perto da costa, onde se situavam as indústrias; as que vendiam os "animais em pé" se encontravam no interior. Mas sua organização interna não variava. Como a fazenda de gado do Nordeste, a estância não fornecia trabalho a não ser a um número reduzido de pessoas. Se o Pampa não se transformou desde o início do século XIX, em região de emigração intensa em direção a outras zonas, é porque a indústria do "charque" oferecia emprego à mão-de-obra (39), o que constituiu diferença profunda com o Sertão, que expulsava sempre uma parte importante da sua população mais para o interior do país (40).

Por outro lado, os inícios da estância de criação diferiram dos da fazenda de gado, visto que o "estancieiro" não tinha que "formar os cascos", isto é, constituir seus rebanhos; seu problema era capturar e domesticar os animais selvagens. A semelhança entre os dois tipos de estabelecimentos está no fato de se instalarem sobre imensas áreas não cercadas — a cerca servindo somente para defender as roças contra o gado em liberdade. Enquanto na fazenda de gado o boiadeiro era realmente um vaqueiro, criando os bezerros e cuidando do gado de que tinha a guarda, na estância o gaúcho era uma espécie de caçador, perseguindo e capturando animais selvagens. Guerra constante contra os estrangeiros ou "gringos" (41), luta perpétua contra o gado selvagem a domar, essas duas atividades habituais do gaúcho desenvolveram nele o amor às aventuras e aos combates e um sentimento bravio de independência, que existiu também, porém em menor grau, entre os vaqueiros. O vaqueiro era subordinado a um patrão; o gaúcho de lei, o gaúcho por excelência, procurava ser sempre livre de qualquer subordinação.

Enquanto o boi, dada sua importância, tinha-se tornado no Sertão o verdadeiro centro da "civilização do couro", no Pampa, o centro da civilização foi o cavalo. O gaúcho, observou Roger Bastide, se identifica com sua montaria; sua psicologia é a do homem a cavalo, do qual desce durante o dia para cozinhar no brazeiro o churrasco que come meio cru, e à noite para conversar com os peões em volta do fogo (pois as noites são frescas), bebendo a infusão amarga e fervente que é o mate (42). Enquanto no Sertão o vaqueiro e o touro selvagem são os heróis do folclore, no Pampa brasileiro canta-se o gaúcho e seu corcel. A linguagem é centrada sobre o cavalo, havendo uma infinidade de palavras para nomear todas as nuances possíveis do seu pelo, todas as qualidades físicas e morais do animal. Pois uma afeição estreita parece unir o gaúcho mais à sua montaria do que a uma mulher (43). O estancieiro que quiser ser respeitado por seus homens, deve ser um conhecedor de animais e um cavaleiro destemido, primeiras qualidades de um gaúcho de lei.

(40) Logo que o Sertão e o cerrado ficaram povoados, o êxodo da população excedente fez-se para o sul, empregando-se primeiramente na agricultura. Em seguida, após a década de 30, as indústrias que surgiam no Estado de São Paulo também deram trabalho a essa mão-de-obra.

(41) Gringo — eram chamados assim, a princípio, os espanhóis e argentinos. O termo, cuja conotação tem sentido pejorativo, se estendeu pouco a pouco a todos os estrangeiros mais ou menos suspeitos de objetivos imperialistas sobre o território brasileiro.

(42) Bastide, 1959, p. 79 a 84.

(43) Bastide, 1957, p. 79 a 84.

A organização da estância era bastante sumária. A casa principal, larga e baixa, construída no alto de uma "coxilha" (pequena elevação de terreno, um pouco mais que uma colina) dominava os prados e às vezes, tomava ares de pequena fortaleza. No interior, muito pouco conforto, falta até de móveis; a rusticidade igualava-se à das fazendas de gado do Sertão. Perto da casa do criador, havia a do capataz, onde morava este com sua família: habitação modesta, em geral recoberta de palha e ligada à do patrão por um pátio. Mulher e filhas do capataz freqüentemente serviam como domésticas na casa do criador.

Um pouco mais longe do conjunto formado por essas duas casas, erguia-se o "galpão", abrigo fechado onde residiam, cozinhavam, comiam os peões que tratavam do gado. O capataz dirigia o trabalho dos peões e lhes distribuía as tarefas cotidianas; todos eram assalariados, pagos quinzenal ou mensalmente. O criador ao se instalar, deparava com o gado selvagem; domá-lo tornou-se uma das tarefas principais dos peões. Um dos sinais distintivos do "gaúcho de lei" foi o de ser excelente amansador de animais.

As "lides campeiras", isto é, os trabalhos relativos ao gado, não eram nem complicadas, nem penosas. Precisava-se fiscalizar os animais e verificar cada noite se se encontravam em suas "querências" (44) — lugar onde por si mesmo se reuniam habitualmente, quando a noite chegava. Era preciso, também, de vez em quando, lhes dar sal; queimar os pastos quando o inverno chegava ao fim; cultivar roças de subsistência; tosar o pelo das orelhas, cuja lã servia às mulheres para tecer roupas e cobertores; consertar as cercas das roças; tratar dos animais doentes etc.

A vida dos capatazes e dos peões se passava nos diferentes "rodeios" da estância: lugares às vezes abertos, às vezes cercados, nos quais reunia-se o gado de um mesmo tipo. Distingua-se, então, o "rodeios do gado manso" — (do gado já domesticado), o "rodeio do gado bravo" (do gado selvagem), o "rodeio do gado de criação" (das vacas destinadas à reprodução), o "rodeio dos bois de carreta" (dos bois destinados a puxar as carroças), o "rodeio dos cavalos e das éguas" etc. A palavra "rodeio" servia, também, para designar a reunião, de vez em quando, dos animais para serem contados, verificar se nenhum se perdera, tratar daqueles que estavam doentes, separá-los conforme a idade ou outros critérios, marcá-los. O "rodeio" constituía a fase mais intensa do trabalho da estância. A marcação ou "ferra" era uma das atividades mais importantes. Como o vaqueiro do Sertão, o "gaúcho de lei" conhecia de cor todas as marcas dos criadores da vizinhança.

Estancieiros, capatazes, peões criam os campos sempre a cavalo: menosprezavam os trabalhos agrícolas e somente a eles se dedicavam se obrigados pelas circunstâncias. Esta tarefa era, em geral, deixada aos "agregados", pobres diabos que pediam ao proprietário da estância permissão para morar em suas terras. Nos

(44) Querência: nome que designava primeiramente o lugar espontaneamente escolhido pelo gado quando se reunia à noite. Passou a significar, por extensão, o lugar preferido pelo gaúcho, e cuja lembrança o perseguia desde que se distanciasse. O termo "querência" tem, pois, um sentido predominantemente de localidade, enquanto a palavra "pagos" tem sentido de região e designa, mais especialmente, o local onde se nasce.

vales úmidos, havia "ranchos", pobres casas de palha e taipa, onde moravam o agregado e sua família. A "roça", em regime de policultura de subsistência era, assim, uma empresa familiar. Em geral, o agregado tomava conta também das ovelhas e exercia as atividades de agricultor e de pastor. Cada estância era autônoma e podia perfeitamente viver voltada sobre si mesma; o estancieiro sentia por isso grande orgulho.

A província de São Pedro não criava somente bovinos; a criação de cavalos e mulas constituiu, também, uma atividade econômica importante. Novo contraste com o Sertão, onde os "fazendeiros" criavam cavalos e jegues somente para prover às suas próprias necessidades, enquanto os estancieiros do Pampa os criavam para exportar para outras regiões do país. As minas de ouro do século XVIII foram grandes consumidoras de animais de transporte. O caminho era longo do Rio Grande do Sul à província de São Paulo, onde os animais eram vendidos na feira de Sorocaba; tinham necessidade de descansar durante todo o caminho. Antes mesmo da organização das estâncias, as "invernadas" fizeram sua aparição. Eram lugares de solo melhor, em que os relvados, ao mesmo tempo espessos e tenros, abundavam, banhados por fontes e riachos, e onde algumas árvores ofereciam abrigo natural.

O desenvolvimento do comércio de animais fez surgir uma nova especialização, a do "invernador": eram indivíduos que se apropriavam dos campos, ao longo da estrada das boiadas, e os alugavam para pastagem aos rebanhos que partiam em direção ao Norte. Ao redor da cidade de Sorocaba, muitas "invernadas" se instalaram: o "gado magro" (45) repousava aí e engordava, antes de ser vendido. Depois da longa viagem extenuante desde o extremo sul, os animais fatigados e estropiados tinham necessidade desta parada para se embelezarem e serem vendidos a bom preço.

O tropeiro foi no Sul do país um personagem ainda mais importante do que no Sertão. O estancieiro parece que raramente foi tropeiro; o estancieiro era sedentário e deixava a estância apenas para fazer a curta viagem até a charqueada; o tropeiro era especializado e percorria constantemente as estradas das boiadas em direção à província de São Paulo. Podia fazê-lo por conta do estancieiro, do qual ele era então o empregado encarregado da venda; ou então podia fazê-lo por sua própria conta. Nesse segundo caso, era um intermediário entre os estancieiros do Sul, de um lado, fazendeiros e garimpeiros (46) compradores do gado, de outro. Os habitantes do interior da província de São Paulo — província pobre, sem metais preciosos e não tendo ainda monoculturas de exportação (o café não se instalou ali a não ser na segunda metade do século XIX) se dedicaram frequentemente a esta atividade por conta própria; juntaram assim economias que lhes permitiram, mais tarde, a instalação das fazendas de café.

(45) Gado magro — gado fisicamente depreciado e cujo preço é baixo.

(46) Garimpeiros — indivíduos que se dedicavam à exploração de minas de superfície, distintos dos "mineiros" que trabalham no sub-solo.

O período em que coexistiam estâncias de exploração do couro, estâncias fornecendo animais às charqueadas, estâncias criando o “gado em pé” para vendê-lo em Sorocaba, e que se estende da metade do século XVIII até a metade do século XIX, foi o período, por excelência, do “gaúcho”. Ele-lo vestido de sua “bombacha”, larga calça abotoada nos tornozelos e caindo sobre botas de couro macio; atadas às botas, as grandes “chilenas” de prata, esporas finamente cinzeladas que fazia tilintar com orgulho quando andava. À cintura, tinha sempre, além da pistola, uma enorme faca, a raca de carnear, dentro de uma bainha de couro incrustada de prata; a guampa para beber água, feita de um belo chifre de boi, era envolta na parte superior por uma banda de prata cinzelada; e ainda as boleadoras, três grossas bolas atadas a uma correia, que jogava entre as patas do animal para capturá-lo. No pescoço, um grande lenço atado por nó característico, cujas cores apontavam seu partido político: logo após a proclamação da República, os pica-paus (republicanos) usavam um lenço branco e os maragatos (federalistas) um lenço vermelho. Capa de fina lã lhe cobria os ombros, o pala. Se o frio se tornava rigoroso demais, se o minuano glacial soprava dos Andes, envolvia-se no amplo poncho de lã grossa. De noite, os arreios do cavalo lhe forneciam a cama: a carona (cobertor que se punha sob a sela), enrolada no pelego (coberta de lã de carneiro de cima da sela) lhe servia de colchão; o lombinho (sela) era o travesseiro; bem envolvido pelo pala e pelo poncho, dormia com a cabeça agasalhada pelo chapéu de feltro.

O desenvolvimento das charqueadas trouxe consigo, primeiramente, o desaparecimento das estâncias que exploravam somente o couro; em seguida, a transformação daquelas que já praticavam a criação. A charqueada dava lucro, exigindo o sacrifício de número cada vez maior de animais, e o preço dos rebanhos subia. O estancieiro não podia mais perder um só animal, a cerca foi introduzida no Pampa. Cercas de pedra, a princípio, mas este material não era abundante e a extensão das propriedades era tal que a tarefa de murá-las era desanimadora. A cerca de fio de arame foi, então, introduzida com sucesso, mas trouxe transformações profundas à organização do trabalho na estância, e à sociedade rural do Pampa em geral, separando as estâncias “patriarcais” das “comerciais”.

O uso de cercar as propriedades começou por volta de 1875 e foi imediatamente adotado pelos estancieiros mais ricos. O fio de arame, importado, impunha uma grande despesa que precisava ser compensada. O preço do gado, e em consequência da terra necessária à criação, subiu vertiginosamente. Os estancieiros que não tinham dinheiro suficiente para instalar cercas, venderam as propriedades e o gado, ou a estancieiros mais ricos, ou a pessoas que queriam investir capitais na pecuária. As despesas no interior da “estância” foram reduzidas: todo o pessoal que não fosse diretamente empregado na produção foi despedido — agregados, afilhados (47), moradores, e outros. A roça foi abolida; os peões, muito menos numerosos — seis para cada seis mil cabeças de gado — se ocuparam somente com os animais, não fazendo mais agricultura de subsistência. O abastecimento vinha de fora; foi assegurado pela zona norte, de florestas, do Rio Grande do Sul, onde

(47) Afilhados — a relação de compadrio é muito importante no Brasil e, além do batismo religioso que o estabelece, existem outras formas costumeiras.

se haviam instalado colonos alemães e italianos, "importados" pelo governo brasileiro a partir de 1824 (48). A estância se organizou estritamente em função da mão-de-obra indispensável aos trabalhos de criar. A mão-de-obra excedente e as famílias dos peões formaram "rancherios" (aglomeração de ranchos e de cabanas miseráveis), cujos habitantes trabalhavam de maneira esporádica, ora numa estância, ora noutra. Falta de capitais, de habilitação técnica e de terra impedia-os de desenvolver uma agricultura de tipo comercial, como haviam feito os colonos estrangeiros. As charqueadas, se bem que em expansão, não podiam empregar todos os que ali procuravam trabalho.

A organização interna da estância se transformou, também. Uma estância média era formada de três ou quatro postos, entre os quais se repartia o gado conforme a idade, o peso ou outras qualidades. Uma vez esgotados os pastos de um posto, os animais eram enviados a um outro. Dentro do posto, devidamente cercado com arame, e que se estendia sobre quilômetros, residia um posteiro com sua família, o "estancieiro" lhe fornecia a cabana e lhe permitia criar alguns animais — ovelhas, uma vaca, um cavalo; a família do posteiro cultivava uma pequena roça para sua subsistência. O "posteiro" controlava o gado, tomava conta das ovelhas do patrão, percorria os campos para verificar se tudo estava em ordem, consertava as cercas.

Acima dos posteiros, e dirigindo todo o pessoal da estância havia sempre o capataz; este continuava a viver com sua família perto da casa do estancieiro. Cinco ou seis peões encarregados do gado, o "peão caseiro" e um "galponeiro" habitavam o galpão da peonada. O peão caseiro tinha a seu cargo as vacas leiteiras e seus bezerros, assim como todos os pequenos trabalhos requeridos pelo estancieiro e sua família; o galponeiro tomava conta dos cavalos do galpão, utilizados pelo estancieiro e sua família, pelo capataz e pelos peões nos seus trabalhos. O trabalho de cada peão aumentara muito. Uma vez por semana durante o verão, uma vez de quinze em quinze dias durante o inverno, eram reunidos os animais em rodeio e eram passados em revista para verificar sua condição física.

Um traço característico passou a marcar a existência dos peões: não podiam casar. Antes de cercados os campos, o peão, ao se casar, pedia ao estancieiro um pedaço de terra onde construía seu rancho e plantava uma "roça" para a família; podia tornar-se "agregado" ou "morador", tratando somente da roça; podia, também, deixar a roça aos cuidados da família e continuar seu ofício de peão. Estava, assim, resguardado de grandes golpes e fazia sempre parte do pequeno mundo da estância. Tendo gado e terra adquirido subitamente muito mais valor, com a despesa das cercas, o estancieiro não mais permitiu a plantação de roças; tinha necessidade de todo espaço para a criação do gado. O salário que pagava ao peão era, porém, baixo demais para que este pudesse sustentar uma família morando fora da estância; foi forçado a se abster de formar família. A maioria dos criadores fez do celibato

(48) Por volta de 1824, o governo brasileiro, empreendendo uma política de povoamento dos territórios do sul do país, atraiu para aqui colonos europeus. Estes colonos, alemães e italianos em sua maioria, eram destinados à agricultura de abastecimento e recebiam "datas" nas regiões de florestas do Rio Grande do Sul, desdenhadas pelos criadores de gado. Algumas destas colônias, muito prosperas, passaram a abastecer as vilas, cidades e regiões de criar.

uma condição de contrato do peão. Se um peão quisesse se casar, devia deixar a estância e se estabelecer num rancherio, para aí viver pobremente com sua família. Uma vida tão medíocre não atraía os jovens: preferiam permanecer peões toda a vida, a sofrer as condições precárias do "rancherio". Como consequência, surgiram nos campos "chinedos", aglomerações de ranchos habitados exclusivamente por prostitutas, as "chinas de todo o mundo" (49); os peões iam ali regularmente gastar seu magro salário. Tais condições de vida tornaram habitual a existência dos "guaxos", crianças abandonadas, e pouco freqüente, nas camadas inferiores da sociedade rural do Pampa, a existência de famílias organizadas. A freqüência maior era de peões solteiros e de mães com seus filhos, habitando os primeiros a estância e as segundas fora dela.

Uma outra consequência foi o aparecimento de tipos sociais específicos: o "andarengo" ou "gaudério", o "gaúcho malo" (50), remanescentes do gaúcho do período anterior. O "andarengo" ou "gaudério" era um indivíduo errante, percorrendo sem descanso o campo; tinha, em geral, um ofício — amansador de cavalos, tosador de ovelhas — e se alugava periodicamente ao estancieiro; acabada a tarefa, partia a procura de outras estâncias. Era raro que dormisse numa casa ou num rancho, preferia o abrigo dos umbus (51) nos campos. Às vezes tinha consigo uma mulher, da qual tinha aceito a companhia e que sustentava; mas isto era raro. O gaudério proclamava ferozmente sua independência para com qualquer obrigação de emprego ou de família. A palavra "gaudério" provém do latim "gaudere" e evoca um clima de alegria, de prazer, de contentamento; de fato, a vida do "gaudério" era considerada muito alegre pelos peões, pois não conhecia outro senhor que o seu bel prazer. O "gaúcho malo" também era um errante, mas faltava-lhe o aspecto bonachão do "gaudério"; era fechado e bravo. Se participava de uma dança — de um "fandango" por exemplo, o baile terminava sempre com duelos a faca, geralmente mortais. Estes dois tipos, originários do "gaúcho de lei" da fase da estância patriarcal, persistiram durante toda a fase da estância comercial.

Do ponto de vista sociológico, a transformação mais importante no interior da estância foi o aumento da distância social entre o estancieiro e sua mão-de-obra. Durante o período da estância patriarcal, o estancieiro, seu capataz, seus agregados, seus peões formavam um grupo muito unido; a distância social era amenizada pelo parentesco, toda esta gente pertencendo muitas vezes a um mesmo tronco familiar, e tendo ainda estilos de vida semelhantes; a sobriedade caracterizava estas es-

(49) No Pampa, o nome "china" designa a mulher de condição inferior. A "china de todo mundo", literalmente "mulher pertencente a todos", se diferencia da "china de marca", literalmente "mulher marcada", amante de um criador ou de alguém de sua família, ou mesmo de um capataz; os demais (sobretudo os peões), lhe devem respeito e não tinham acesso a ela. A "china de marca" desfrutava de conforto e de consideração devido à posição de seus "proprietários". Ver a descrição destas situações nos romances de Ivan Pedro de Martins, 1944, e de Barbosa Lessa, 1959.

(50) "Gaúcho malo": a linguagem do Pampa brasileiro encerra vários termos espanhóis, pois esta zona foi constantemente invadida por Espanha. Além disso, a grande proximidade de colônias espanholas (Uruguai, Argentina) promovia também a assimilação de palavras dessa origem.

(51) Umbu — árvore peculiar ao Pampa que cresce sozinha no meio das imensas pradarias.

tâncias. A implantação da estância comercial transformou estas relações. O estancieiro, que a elevação constante do preço do gado e da terra tornava mais e mais rico, deixou a vida na estância pela cidade e adotou hábitos de conforto que não conhecia anteriormente. Na estância, ao contrário, capatazes e peões empobreciam à medida que a desvalorização do dinheiro fazia baixar seu salário real. No interior da estância comercial, uma hierarquia formal se instalou, tendo ao menos três níveis bem marcados: estancieiro, capatazes, peões. A mudança na organização do trabalho no interior da estância permitiu manter em equilíbrio a criação extensiva: o desaparecimento das antigas relações sociais paternalistas e a decadência do nível de vida dos peões pagaram o preço desta persistência.

A estância comercial instalou-se plenamente no Pampa brasileiro ao início do século XX. O fim do século XIX e os quarenta primeiros anos do século XX são, para os estancieiros dos Pampas, um período de riqueza, do qual encontramos o reflexo na política do país: o estancieiro tornou-se tão importante quanto o fazendeiro de café e ameaçou o poderio econômico destes no conjunto do país, tendo se apoderado do poderio político. A implantação da indústria frigorífica contribuiu para este enriquecimento, mas trouxe consigo novas transformações na sociedade rural do Pampa, especialmente a partir da Segunda Guerra Mundial. A indústria frigorífica requer capitais consideráveis para sua instalação e exige gado durante o ano todo para ser rentável; ora, estancieiro e charqueador estavam acostumados a trabalhar somente durante uma parte do ano e a parar durante os meses de inverno; nos campos queimados pelo frio, o gado emagrecia e não era interessante abatê-lo neste momento. A indústria frigorífica trabalha, ao contrário, durante o ano todo e não pode se contentar com fornecimentos periódicos. Para corresponder a esta necessidade, era preciso transformar a produção de extensiva em intensiva. A criação de gado em estábulo, as pastagens artificiais, eis as mudanças profundas que a industrialização dos produtos animais passou a exigir.

Esta necessidade constante de gado, sobrevém quando os solos do Pampa, esgotados pela sua utilização irracional, produzem gramíneas menos abundantes e de pior qualidade do que outrora. Precisava-se também por isso transformar os pastos naturais em artificiais. Ora, todas estas modificações determinadas pela implantação da indústria frigorífica representavam despesas consideráveis e exigiam uma mão-de-obra assalariada muito mais numerosa e mais qualificada do que a das velhas estâncias comerciais. Poucos estancieiros eram capazes de compreender a necessidade da mudança e de resistir aos preços consideráveis. Alguns estabelecimentos de novo gênero surgiram então, mas não conservaram o nome de estâncias. A transformação radical demais trouxe uma mudança na denominação, os novos estabelecimentos foram chamados "cabanhas".

O Pampa brasileiro está hoje em pleno período de transição. Cabanhas se instalam, mas as velhas estâncias procuram subsistir, adotando soluções variadas. Alguns estancieiros, tradicionalistas e suficientemente ricos; aumentam seu gado e compram mais terras, indispensáveis para a manutenção da criação extensiva: é a solução tradicional por excelência, pois qualquer estancieiro do passado que quisesse multi-

plicar seus animais pensava, em primeiro lugar, em adquirir novas terras. Outros suprimem a criação de cavalos e mulas, que já era decadente (52), agora em vias de desaparecimento. Outros diversificam sua produção: algum parte das terras a agricultores, sobretudo para a cultura do trigo, e reduzem as atividades de criadores, passando da criação extensiva à criação intensiva.

O estancieiro vai perdendo sua antiga importância econômica, que passa, na região, para as indústrias frigoríficas, na pessoa de seus diretores e presidentes. O estancieiro recua para uma posição secundária também no cenário político. No interior da estância, no entanto, a distância entre o estancieiro e seu pessoal aumenta. Com efeito, capatazes e posteiros eram assalariados, mas recebiam a mais um pagamento sob a forma de um pedaço de terra para cultivar e a permissão de criar galinhas, porcos, até mesmo alguns bezerros e vacas. O trabalho na estância tendo aumentado e o estancieiro não podendo contratar mão-de-obra mais abundante, é forçado a exigir o maior trabalho possível das pessoas que nela residem. Por outro lado, gado e mercadorias têm mais valor que o dinheiro líquido; elevam-se, pois, os salários, mas são suprimidas definitivamente as retribuições em animais, em produtos. O nível de vida dos capatazes e posteiros desce para o nível de vida dos peões. A distância econômica entre patrões e empregados assim formada é tão grande que abala o que as relações diretas e afetivas podiam, ainda, conservar de aproximação.

A transformação da estância patriarcal em estância comercial, no século XX, tinha trazido dificuldades para os estancieiros e uma modificação indiscutível ao mundo rural do Pampa. No entanto, tinha ela ficado limitada à organização interna da estância. Se alguns estancieiros então se arruinaram, outros se instalaram em seu lugar e a sociedade global, formada pelo conjunto das estâncias, das charqueadas e das cidades, continuou a existir sem grandes percalços. Hoje, ao contrário, a estrutura da sociedade é não somente posta em questão, mas transformada pela implantação da indústria frigorífica. Para continuar a existir, o estancieiro tradicionalista rompe as relações pessoais com a mão-de-obra que trabalha para ele; espera assim poder manter o sistema de criação extensiva, sem perceber que a própria instalação da indústria frigorífica decreta o seu fim. Seria interessante que pesquisas sociológicas fossem feitas para determinar em que sentido evoluem, doravante os novos estabelecimentos.

CONCLUSÃO

Nada mais diferente do que a evolução da pecuária no Pampa, em relação à do Sertão. Desde o período colonial, a criação de gado, no Sertão, não apresentou, por assim dizer, modificações muito importantes; a distância social entre fazen-

(52) O desenvolvimento das estradas de ferro foi um primeiro golpe sério na criação de cavalos e mulas; não se necessitava mais do tropeiro, pois as mercadorias eram transportadas pelo trem.

(53) O governo tem procurado desenvolver as plantações de trigo e protege, muito especialmente, os agricultores que se dedicam a esta cultura. Trata-se de produzir o suficiente para libertar o país da importação de trigo estrangeiro. O trigo, porém, só é cultivado praticamente nas regiões temperadas do sul do país.

deiros e seus vaqueiros, primeira transformação notável, está de há pouco começando a se estabelecer e a antiga estrutura sócio-econômica, persiste ainda há aproximadamente, quatro séculos. No Pampa, ao contrário, distinguimos claramente — como o demonstra o trabalho de Lia Garcia Fukui (54) — três fases nítidas, e isto num período de dois séculos apenas: a fase do estancieiro associado ao gaúcho; a fase do estancieiro associado ao charqueador; a fase do estancieiro associado à indústria frigorífica.

Parece que a diferença das condições iniciais da pecuária exerceu uma influência capital sobre esta evolução divergente. No Sertão, a criação de gado se desenvolveu como um complemento da agricultura de cana de açúcar e foi sempre estreitamente ligada ao abastecimento regional, desenvolvendo-se, pois, conforme as solicitações do mercado interno regional. No Pampa, ao contrário, a criação de gado sempre forneceu produtos de exportação em relação à região: o gado era mandado, primeiro, para São Paulo e Minas Gerais; em seguida, passou o charque a ser exportado para o resto do país e para o exterior. Este desenvolvimento sofreu as vicissitudes de mercados exteriores à região — tanto nacional quanto internacional — e se modificou conforme as exigências destes.

A formação rápida de camadas sociais distintamente hierarquizadas que se nota nos estabelecimentos do Pampa e que é mais lenta no Sertão, não está, pois, associada ao regime da grande propriedade — que é o mesmo em ambos os casos — mas decorre da organização da produção e da sua orientação. No Sertão, a produção se organizou para satisfazer necessidades locais e muito pouco regionais; foi orientada e limitada pela procura. No Pampa, ao contrário, a pecuária, ligando-se pouco a pouco com grandes especulações capitalistas nacionais e de exportação, se desenvolveu segundo perspectivas muito mais amplas. Enquanto a estância pertenceu ao mesmo tipo de empresa que o engenho de açúcar e a fazenda de café — todos voltados para a exportação — a fazenda de gado do Sertão pertenceu a um tipo diferente de organização, da qual seria absolutamente necessário esclarecer todos os aspectos. Esta organização lhe permitiu subsistir muito mais tempo quase sem mudança profundas, enquanto a estância seguiu um desenvolvimento por fases que a aproxima, sob este aspecto, ainda, das empresas açucareiras e cafeeiras. Estamos, pois, diante de duas regiões que, baseando-se na pecuária extensiva, seguiram caminhos evolutivos divergentes, devido ao destino diferente que teve a sua produção.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA GERAL

- Bastide, Roger — **Brasil, terre de contrastes**, 1959, Difel, São Paulo.
Buarque de Holanda, Sérgio — **História geral da civilização brasileira — A época colonial**, 1960, tomo I, Difusão Européia do Livro, São Paulo.

(54) Lia Garcia Fukui, 1971.

- Câmara Cascudo, Luís da — **Dicionário do folclore brasileiro**, 1962, 2.^a ed., 2 vols., Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro.
- Le Lannou, M. — **Le Brésil**, 1968, Libr. Armand Colin, Collection U — 2, Paris.
- Monbeig, Pierre — **Le Brésil**, 1988, Coll. Que Sais-je?, P.U.F., nouvelle édition.
- Pereira de Queiroz, Maria Isaura — **O messianismo no Brasil e no mundo**, 1965, Dominus. Edr. São Paulo.
- Pereira de Queiroz, Maria Isaura — **Réforme et révolution dans les sociétés traditionnelles**, 1968 b), Ed. Anthropos, Paris.
- Prado Jr., Caio — **Formação do Brasil contemporâneo**, 1963, 7.^a ed., Editora Brasiliense, São Paulo.

O SERTÃO

- Correia de Andrade, Manoel — **A pecuária no agreste pernambucano**, 1961, Recife.
- Correia de Andrade, Manoel — **A terra e o homem no Nordeste**, 1963, Ed. Brasiliense, São Paulo.
- Cunha, Euclides da — **Os Sertões**, 1936, 13.^a ed., Livr. Francisco Alves, São Paulo.
- Macedo, José Norberto — **Fazendas de gado no vale do S. Francisco**, 1952, Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro.
- Pereira de Queiroz, Maria Isaura — **Os cangaceiros, les bandits d'honneur brésiliens**, 1968 a), Coll. Arcrives, Julliard, Paris.
- Sodré, Nelson Werneck — **Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril**, 1941, Livr. José Olímpio Ed., Rio de Janeiro.
- Ver também os romances:
- Guimarães Rosa, João — **Grande sertão, veredas**, 1956, Livraria José Olímpio Ed., Rio de Janeiro.
 - Oliveira Paiva, Manoel de — **Dona Guidinha do Poço**, 1952, Ed. Saraiva, São Paulo.

O PAMPA

- Azevedo, Thales de — **Gaúchos, fisionomia social do Rio Grande do Sul**, 1958, 2.^a ed., Livraria Progresso Editora, Bahia.
- Blanc de Freitas, H. e Fróes da Cruz, Paulo — **A pecuária de corte no Rio Grande do Sul**, 1957, Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro.
- Fukul, Lia Garcia — "O meio rural no Rio Grande do Sul: homogeneidade, heterogeneidade", **Cadernos**, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, São Paulo, n.º 3, 1971.
- Laytano, Dante de — **A estância gaúcha**, 1952, Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro.
- Pereira de Queiroz, Maria Isaura — **La guerre Sainte au Brésil: le mouvement messianique du Contestado**, 1957, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo.
- Ver também os romances:
- Barbosa Lessa, L. — **Os guaxos**, 1959, Livr. Francisco Alves, Rio de Janeiro.
 - Martins, Ivan Pedro de — **Fronteira agreste**, 1944, Livraria do Globo, Porto Alegre.